

Dia da Aceitação Universal Uruguai - 26 de maio de 2025

Uruguai no contexto da Universalização da Internet

Mariela de León – UDELAR (SECIU)
Fabrício Scrollini – HOTOSM
Laurena Pavón – Universidade de Montevidéu
Mauro D. Rios – ISOC UY

Moderador: Raúl Echeberría **– ALAI / ISOCuy**

Moderador (Raúl Echeberría): Boa tarde a todos, que bom ter todos esses prestigiosos colegas no painel e muito obrigado a todos que ficaram até aqui. E acho que tem sido muito interessante. Às vezes parece que as coisas são muito simples e sempre funcionam, mas é preciso se esforçar um pouco para que tudo se alinhe. Existem protocolos, boas práticas e tecnologia , mas todos estão lá para garantir que tudo sempre funcione em harmonia. É sempre preciso colocar a mão um pouquinho, configurar e saber que está tudo certo.

domínios multilíngues , sobre por que é importante reconhecermos que, para os latinos, esse é um problema que tem menos limites do que para outras culturas. A primeira vez que fiz uma viagem de negócios para a Geórgia, é um país pequeno como o nosso, mas eles não só têm uma língua que só é falada na Geórgia, como também têm um alfabeto que só é usado na Geórgia. Então imagine que para esses tipos de populações, para esses grupos culturais, poder usar caracteres multilíngues na Internet é a diferença entre preservar sua cultura online ou não.

Mas então, e é exatamente isso que eu estava dizendo, se estamos falando sobre tudo isso, é porque é importante ter uma Internet que se destaque. Isso reflete diversidade e multiculturalismo. Caso contrário, não faria sentido algum. Qual seria a importância de ter domínios multilíngues se não fosse importante para manter nossas culturas?

Então acho que é para lá que estamos indo. Vamos tentar elevar o nível de abstração. Não iremos para as camadas um pouco mais altas. Vamos nos afastar de bits e bytes e PINE. Obrigado pela sua gentileza em experimentar o PINE. Vamos sair dos programas de e-mail. E vamos ver por que estamos fazendo isso. Por que uma organização como a ICANN, tão grande e com tantos recursos ao redor do mundo, se dedica tanto a isso? Por que tantas partes interessadas estão exigindo esse tipo de implementação na Internet? Tem que haver um pano de fundo.

Então, vamos tentar descobrir um pouco para onde isso vai dar. Então acho que a questão para o painel em geral é essa. Um pouco sobre o que você pensa sobre a importância disso. Por que é importante para nós ter uma Internet que reflita essa diversidade cultural e linguística. E poderíamos até expandir um pouco mais e falar sobre outros tipos de diversidade.

Então eu vou embora, pois vou convidá-los a falar na ordem em que estiverem sentados. Vou começar com Mariela. Mariela é uma delas, você se apresenta , mas eu acho que ela é uma pessoa muito importante no ecossistema nacional da Internet, já que ela dirige os serviços centrais de TI da Universidade. É uma instituição que teve a responsabilidade de gerir o domínio. Wii desde a sua criação, mas também um promotor de redes acadêmicas, da rede acadêmica nacional. Então é um prazer ter você aqui conosco.

Mariela de León (SeCIU - UDELAR): Bom, obrigada. Também é um prazer para mim estar aqui neste evento. Agradeço também o convite feito à Laura. E bem, neste caso, digamos, eu represento o Serviço Central de Tecnologia da Informação da Universidade da República e nós temos um papel duplo, um papel duplo no

SeCIUS . Nós somos o administrador do . Wii , mas também temos que gerenciar a TI da universidade. Então também a partir desse ponto.

E quando estamos na administração do . wii e nos conectamos com outros atores, outros países, outros CCTLDs , como dizem, administradores de domínio de outros países na América Latina, a questão da internacionalização está sempre presente. Primeiro, para a comunidade uruguaia, poder fornecer domínios que tenham acentos e ñ, para Peñarol, para Ñandú, para Chajá, para esse tipo de coisas. Bem, é um requisito para poder resolver o problema local.

Mas também estamos em um contexto em que temos que nos comunicar e ser capazes de resolver outros domínios em outros países, certo? Por exemplo, o Paraguai, que tem sua língua guarani e também o português brasileiro. Assim também. Essa é uma preocupação da administração do domínio, para poder estar presente nisso.

Estamos indo devagar, mas quanto ao que é o IDN, vou revisar os números de inclusão de IDN em outros países. E bem, no Uruguai temos 106.000 domínios. wii no total e temos 534 com IDN. Parece muito pouco. É 0,49, mas olho para o resto dos países latino-americanos e estamos entre os três primeiros. Então, não somos tão ruins assim. Não é muito, mas ainda estamos preocupados com isso.

Ainda estamos preocupados em incluir outras coisas. Também podemos incluir a internacionalização de e-mail em nosso sistema de registro. Embora tenhamos IDNs, não permitimos e-mails internacionalizados. E bem, aqui vamos nós. Acho a política de IDN da Argentina interessante, por exemplo, pois ela não incluiu apenas vogais acentuadas, mas também o português como parte de seu domínio. E bem, é isso. O Uruguai, digamos, não está ruim, mas temos que continuar.

E eu acho que é para isso que serve, para poder fornecer soluções para pesquisadores na América Latina e no mundo todo também. Agora falo como Cesiu , fornecendo uma solução para a universidade, onde ela tem que se comunicar com pesquisadores do mundo todo, onde realiza eventos nos quais pesquisadores de outras partes do mundo se registram e nós damos a eles formulários onde eles só podem inserir e-mails com codificação ASCII ou repositórios de teses onde eles fazem teses com outros pesquisadores e esses pesquisadores vivem em outros idiomas ou têm outras contas de e-mail e não permitimos que eles registrem suas teses em nossos repositórios. Então, bem, esse é o problema e é por isso que esse tópico é tão importante e queremos estar lá.

Moderador (Raúl Echeberría): Muito obrigado, Mariela. Sim, claro, pensamos nos pesquisadores, e mesmo que não tenhamos tanta necessidade de domínios multilíngues e do uso desses caracteres, sim, pesquisadores trabalhando em universidades asiáticas provavelmente os usarão, e se esses aspectos não funcionarem. Seria problemático.

Laureana . Laureana é uma pessoa muito especial. Somos todos especiais. Mas Laureana é uma tradutora, ela é uma professora. Mas além de ser tradutora e professora, e membro de longa data do capítulo uruguaio da ISOC, ela é provavelmente a pessoa no mundo que mais fez traduções sobre tópicos relacionados à Internet. Não? Então, ela tem trabalhado duro para muitas organizações por um longo tempo, traduzindo conteúdo que às vezes precisa de tradução, mesmo para aqueles de nós que falamos a mesma língua, para entendê-lo, mas ela tem o desafio de traduzi-lo para diferentes idiomas. Então, me parece que com a sua experiência, Laureana , as reflexões que você merece sobre esse tema são extremamente pertinentes.

Laureana Pavón (Universidade de Montevidéu): Obrigada, Raúl, por uma apresentação tão adorável e obrigada, Laura, por me convidar. Bem, talvez eu seja a pessoa menos tecnicamente inclinada neste painel, e acho que isso traz um pouco da perspectiva de: "Sou um linguista, sou um tradutor, mas todos os tradutores são linguistas". Então, saber por que tudo isso realmente acontece. Porque todo esse desafio técnico me parece andar de mãos dadas ou servir à parte linguística, certo?

E eu queria mencionar um pouquinho, me parece que são dois aspectos. Por um lado, há a questão da representatividade. E a perspectiva. Preservação linguística e cultural. E por outro lado, acessibilidade e inclusão, certo? Parece-me que nestas duas coisas isto é extremamente importante.

Entre os direitos linguísticos, um dos direitos linguísticos é o direito ao próprio nome, por exemplo. Todos nós temos o direito de usar nosso próprio nome em qualquer área. Daí a importância. Meu sobrenome é Pavón. O sobrenome de Carlos, Carlos Martínez. Eu sou um linguista. Para qualquer uma dessas coisas preciso do que conversamos hoje. Digamos, toda a parte técnica que resolve que se pode exercer esses direitos linguísticos.

Por outro lado, a tecnologia e as questões técnicas também moldam a linguagem. Assim como, por exemplo, vou dar um exemplo. Eu sou da velha escola, onde usávamos máquinas de escrever. As máquinas de escrever tinham um conjunto de

caracteres extremamente limitado e por muitos anos não usamos acentos em letras maiúsculas. E por que isso aconteceu? Porque o conjunto de caracteres suportado por uma máquina de escrever não suportava acentos em letras maiúsculas.

A tecnologia mudou, não usamos mais máquinas de escrever e agora parece a coisa mais normal do mundo usar um acento em uma letra maiúscula. Acredito que a mudança tecnológica é um pouco parecida com a que estamos enfrentando agora. Ser capaz de usar a língua da maneira como estamos acostumados ou como deveria ser.

E uma coisa que eles disseram aqui que é importante e que Nico me lembrou quando ele disse na parte da representação. Quão difícil é para ele, por exemplo, falar inglês com o público chinês. Um dos direitos linguísticos que todos temos é a capacidade de nos expressar e criar conhecimento em nossa língua nativa. Quão importante é poder fazer isso tendo todas essas características que precisamos à nossa disposição para poder fazê-lo. Isso por um lado.

E por outro lado há também a questão da acessibilidade. Qualquer leitor. Por exemplo, para pessoas com deficiência visual. Já que não há acentos. Ele não vai ler da maneira que deveria ser lido e então vai ter dificuldade para entender. Não é a mesma coisa que você toma ou qual é o dilema para sua sogra. Não como é. Tem alguns exemplos até engraçados, mas a questão de poder ter todos os personagens também é importante para acessibilidade.

E nem vamos falar de inclusão. O espanhol, como bem disseram aqui, tem pouquíssimos caracteres que precisam ser internacionalizados. Mas há outras línguas, mesmo aquelas de grupos minoritários, que têm muitos caracteres que deveriam ser incluídos. Para preservar sua língua e cultura. Assim como as espécies animais, há línguas que estão em extinção. E ter todos esses recursos para poder preservá-los em formato digital. Isso ajudará a garantir que toda essa riqueza cultural e linguística não seja perdida. De outros grupos que, diferentemente de nós, que temos pouquíssimos problemas para se expressar, temos muitos. Acho que essa é uma visão pouco técnica sobre o porquê isso é importante. Algumas coisas que pensei que poderia mencionar aqui.

Moderador (Raúl Echeberría): Voltaremos a falar com você mais tarde, Laureana . Porque tudo isso também me intriga muito. Sua opinião sobre como a evolução tecnológica está afetando. Seja a favor da preservação das línguas ou contra. Voltaremos a isso mais tarde.

Nosso próximo palestrante. Daniel Mordecki . Daniel Mordecki é diretor da Agência para a Sociedade da Informação e do Conhecimento há dois meses. AGÉSICO. Acho que é uma posição extremamente importante. Relevante justamente pelo impacto que tem a ver com serviços públicos. Em acessibilidade. Na preservação de características culturais. Daniel é um profissional de muito sucesso. De longa data. Ele trabalhou no setor privado. Ele teve sua própria consultoria. E como consultor, também entendo que uma das questões mais importantes em que trabalhei foi a acessibilidade. Acho que você é um convidado espetacular para esta conversa.

Daniel Mordecki (AGESIC): Muito obrigado. Vou assistir do Uruguai para entender. Mas isso pode ser extrapolado para a maioria dos países. Depende do seu nível evolutivo. Mas se você olhar para o Uruguai no período de 2005, 2007, 2005, 2008, o Uruguai definiu a política digital para os próximos 20 anos. Até agora. Sim? Antes disso. As iniciativas. O CEP. Mas o Uruguai em rede. Infed 2000. E uma quantidade. Eles não conseguiram concluir um mandato de governo. E eles morreram lá.

Na verdade. Os fundos foram fornecidos. E elas estavam se desfiando. Às vezes, elas não eram dissolvidas institucionalmente. Mas eles ficaram sem conteúdo. O que a Fundação AGESIC realiza. E uma das principais virtudes é olhar 20 anos à frente. Quero dizer. É preciso olhar para trás, 20 anos atrás, em termos de tecnologia. Ou seja. Eles definem a política. Essa política. Basicamente foi um sucesso. Sim? Eles meio que pensaram sobre essa política. Eles implementaram isso. Eles querem uma política de estado que seja mais sólida do que 20 anos de história. Quatro governos. Diferentes partidos. No governo.

A questão é que o ápice desse sucesso é que hoje o mundo... Pelo menos no Uruguai. Mas acho que o mundo em geral é digital. O que significa que o mundo é digital? Isso significa que o substancial. O relevante. A coisa mais importante na sociedade. Está digitalizado. Claro que existe uma realidade física. Que atualmente não é digitalizável . Não? Mas se você olhar. Bem. A peça não é digitalizável . OK. A peça. Todo o resto é digital.

Como uma pessoa que não pertence ao mundo digital faz isso? Para participar de uma peça? Para pagar suas contas. Para interagir com o banco. Para estudar. Para qualquer coisa. O mundo é digital. Isso não significa que se você fizer Zoom . Não clique duas vezes. Clique duas vezes. Windows 95. Certo. Clique duas vezes. Se você trabalha na Microsoft. Tem alguém da Microsoft? Não. Se eles trabalham na Microsoft. Clique duas vezes. Mas todos os outros. Nós fazemos Zoom . Nós fazemos uma análise aprofundada . Nós olhamos. Clique duas vezes. Windows 95. Sim. É muito engraçado. Tem um programa de rádio lá. O que é chamado de clique

duplo. Que deveria ser um programa de história da tecnologia. Mas não. É suposto ser atual .

Desculpe pelos parênteses. Mas se . Se você fizer Zoom . Se você se concentrar. Obviamente. Não é que tudo esteja perfeitamente digitalizado. Mas se você pensar. Do que o iPhone. É de 2007. Antes. Do que o Android. É de 2009. E daí? A revolução celular. Quero dizer. A cobertura. De metade dos cidadãos. Com um smartphone. No Uruguai. Estamos em 2011. Em 2012. Eles estão conversando. De uma transformação histórica.

Quero dizer. Antes. Em 2005. Os procedimentos. Estavam no papel. Todos. Agora. Substantivos digitais. Isso não significa. Isso não temos. Pendência. O que acontece quando o mundo se torna digital? Como aqueles de nós que planejamos e desenvolvemos políticas públicas, precisamos entender que toda pessoa que não consegue participar significativamente do mundo digital é um cidadão de classe B.

Se o Presidente quiser Boric acabou de descartar seu smartphone e trocou-o por um celular, bom para Boric . Mas não é um problema de não poder, mas sim de não querer. Mas no nível de inclusão digital, todo cidadão deixado de lado pelas políticas públicas vira cidadão classe B.

E neste caso, 80-20 não é válido. Aqui não existe 80-20. Aqui estão 80, 81, no que eu estava dizendo são 82, 85, 99, 100. Esse tem que ser o nosso objetivo. A tecnologia, quando nasce, é para os tecnólogos. Como autoridades públicas, temos a responsabilidade, neste caso, de garantir que 100% da população do Uruguai — entendo que esta é uma política global. Vou colocar em termos uruguaios para facilitar a compreensão, mas para que 100% das pessoas tenham barreiras mínimas.

O uso da tecnologia envolve uma grande barreira. Barreiras incríveis. Cada átomo, cada pixel que você adiciona deixa três pessoas de fora. Cada pergunta que você faz deixa 500 pessoas de fora. Cada procedimento, em cada processo, cada questão que existe, oh, deixa uma porcentagem de fora.

Se uma organização perguntar aos cidadãos, em vez de dizer nome de usuário e senha em espanhol, esses domínios implicam tanto, têm tanto valor agregado que não podemos dizer a eles nome de usuário e senha em espanhol. Então, para nós da GESIC, essas iniciativas e todas as iniciativas nesse sentido que envolvam inclusão incondicional, 100% da população, as menores barreiras possíveis ao uso

digital, uma vida digital significativa, não são apenas bem-vindas, mas fazem parte do compromisso que devemos assumir.

Moderador (Raúl Echeberría): Excelente, Daniel, muito obrigado. Você realmente nos deu material para as seguintes perguntas. Gostei muito das barreiras mínimas de 100%. Acho que é totalmente verdade, acho que todos aqui concordam e apoiam essas afirmações.

Fabrício. Fabricio Scrollini liderou muitas iniciativas da sociedade civil durante anos aqui no Uruguai, muitas vezes trabalhando no exterior, então às vezes perdemos a sabedoria e a experiência de Fabricio aqui. Uma de suas áreas de trabalho são dados abertos e o uso de dados para tomada de decisões em muitas áreas de questões sociais. Fabricio, nós adoraríamos. A importância dos dados também tem a ver com a importância de garantir que eles estejam em formatos compreensíveis e aceitáveis para todos. Agradecemos seus pensamentos.

Fabricio Scrollini (HOTOSM): Bem, muito obrigado a Laura e Raúl por me convidarem para este painel com colegas tão ilustres. Não sei se há muita sabedoria no que vou dizer. Há muito tempo, eu era pesquisador e trabalhava no que neste país era a agenda de dados abertos, especificamente essa ideia meio maluca de que os dados deveriam estar em formatos interoperáveis para que qualquer um pudesse usá-los e reutilizá-los sob as condições permitidas pelas licenças abertas.

É uma ideia que, na verdade, vem em grande parte do fundador ou de um dos criadores do site, Tim Berners-Lee. Embora em sua ideia original, Berners-Lee visse bancos de dados conectados ao redor do mundo, não foi isso que acabou acontecendo. De fato, a agenda de dados abertos acabou prevalecendo, até certo ponto, em um nível moral, por assim dizer. É bom que os dados sejam abertos, mas isso não é bom em todos os lugares do mundo. Ou seja, isso não era algo uniformemente aceito globalmente.

E eu diria a vocês que, enquanto conversávamos aqui hoje com meu colega, tradicionalmente os países que são mais democráticos, ou cujas credenciais são mais democráticas, adotaram a agenda de dados abertos com mais fervor, tanto em seus aspectos normativos — que tem a ver com dizer que a informação deve ser livre — quanto em seus aspectos técnicos. A ideia de ter padrões e metadados que permitam que esses dados sejam livres. Isto é dito com grande simplificação: nem todos os dados, nem todas as áreas são iguais. Quer dizer, não, é assim que é. Até hoje.

E há até países que, bem, que também seguem essa agenda, que não necessariamente, digamos, têm essa igualdade entre transparência e democracia, mas geralmente é uma agenda desse estilo que é mais popular hoje em alguns lugares do que em outros no mundo. Atualmente, em minha função, lidero uma organização chamada Equipe Humanitária do OpenStreetMap . Não sei se algum de vocês já ouviu falar do OpenStreetMap ou já usou o OpenStreetMap . Bom, muito bom.

O que fazemos, a missão original da minha organização, era mapear as casas de um bilhão de pessoas que não estavam mapeadas. O objetivo central era basicamente incluir essas pessoas no mapa. Isto é baseado no mapa OpenStreetMap . Basicamente, essas pessoas estavam nas áreas mais vulneráveis ou mais pobres do planeta, para ser franco, certo? Falamos de grandes áreas da África, grandes áreas da Ásia e também aqui na América Latina, naturalmente em partes do Brasil, América Central, Venezuela e Colômbia.

O acesso à representação em um mapa é essencial para acessar serviços, essencial para acessar direitos, essencial para ser visto. E também nos seus próprios termos. E é aqui que entra o detalhe não tão pequeno do que você está discutindo. Se a infraestrutura do OpenStreetMap não nos permite representar os lugares dessas pessoas em seus nomes, em suas formas, em suas percepções, então, ao mapeá-los, estamos, na verdade, renomeando lugares que não eram exatamente o que aquelas comunidades de base ou aqueles lugares ou aqueles povos chamavam em sua própria cultura.

E isso, para ser franco, é conhecido como colonialismo, certo? E não digo isso como algo inerentemente uma prática explícita de todos os atores que tradicionalmente trabalham no mundo da Internet e no mundo dos dados. Fazemos isso porque precisamos mapear e fazemos isso porque às vezes não temos as ferramentas ou o tempo para reconhecer essas outras comunidades que estão lá.

Na medida em que não há equipes técnicas capazes de pensar na inclusão desde o design, o que basicamente acaba acontecendo é que esses lugares, essas populações, essas formas de ver o mundo, que são claramente muito diferentes, são passados por alto. Essa é a crença de todo uruguaio que se preze e que vai para a América Central, para o sul do México, pensa: bem, aqui todo mundo vai falar espanhol. Boa sorte com as pilhas. O que eles falam lá é basicamente uma versão do espanhol que é basicamente maia e é um dos dialetos maias.

Então, esse tipo de arrogância que vem daqueles de nós que são, digamos, ou pertencem a grupos de línguas majoritárias, especialmente aqueles cuja primeira língua é o inglês ou coisas assim, é algo complicado porque basicamente nos impede de ver a realidade como ela realmente é. Em situações humanitárias isso tem consequências. As consequências geralmente são mortes porque ninguém está realmente planejando reconhecer os outros nos contextos em que eles deveriam ser reconhecidos e, consequentemente, assistidos.

Para resumir a coisas muito pragmáticas, para que não seja uma discussão sobre, bem, colonialismo, inclusão, não sei o que, não, é muito simples. E ninguém faz isso de propósito porque, eu não sei, você se levanta daqui e tem que, eu não sei, como no meu caso, buscar meu filho na escola, eu tenho que correr por aí fazendo um monte de coisas, então eu... E assim a vida continua sem que ninguém muitas vezes perceba as implicações práticas dessas decisões técnicas.

O OpenStreetMap é uma plataforma que possui rótulos, e há ótimas discussões sobre o OpenStreetMap . Certamente, talvez alguns de vocês estejam nos fóruns do OpenStreetMap e estejam procurando por que alguns lugares não são reconhecidos como tal. E talvez porque há um grupo de homens alemães que criaram os rótulos pela primeira vez e que não gostam que as taquerias sejam chamadas de taquerias no México. São lojas de tacos, cara. Ah, não, mas não os reconhecemos assim aqui.

E isso também tem muito a ver com as diferentes visões que existem nos aspectos técnicos da Internet, que muitas vezes estão ancoradas no norte global. E parte da discussão que eu gostaria de trazer aqui é a necessidade de mudar essa perspectiva, não como uma questão de contraponto ou como uma questão antagônica, mas como um exercício genuíno de inclusão de outros na construção de uma Internet genuinamente aberta e não meramente uma planejadora de cultura e tecnologia, que é o que a Internet facilita em muitos casos.

Então, dessa perspectiva, não como um espírito antagônico, mas sim como uma reflexão crítica sobre as práticas daqueles que constroem a Internet, acredito que esses tipos de iniciativas, que basicamente fornecem a base técnica para implantar uma visão mais aberta da Internet, são substanciais. É algo que eu realmente comemoro, que eles se reúnam para discutir e materializar.

E bem, isso também é parte do que a comunidade do OpenStreetMap precisa trabalhar, porque aqui não estou fingindo ser uma pessoa real e fugindo da cena, mas muito pelo contrário, dizendo que o OpenStreetMap não é tão inclusivo

quanto deveria ser. Embora esta comunidade seja aberta, com muitos colaboradores — no nosso caso, há mais de 600.000 pessoas que contribuem conosco, muitas delas também no Sul, muitas delas no Norte — ela não é tão inclusiva quanto deveria ser para mapear este planeta e as populações mais vulneráveis.

Moderador (Raúl Echeberría): Muito obrigado , Fabricio. É impressionante que você tenha trazido o tema do multiculturalismo e do multilinguismo para nossas vidas. E ele me trouxe algumas imagens de algumas situações que vimos nesta comunidade no passado.

Nosso último participante, nosso último palestrante, Mauro Ríos. Mauro é membro do capítulo da Internet Society desde sua criação e atuou no conselho do capítulo por muitos anos. Além de ser um profissional de tecnologia altamente qualificado, ele também é conhecido por suas análises aprofundadas e é um colunista que sempre cobre tópicos atuais. O tema do multilinguismo e do multiculturalismo é algo em que você tem pensado muito, Mauro, então o que você pode compartilhar conosco?

Mauro D. Ríos (ISOC UY): Bem, obrigado. Obrigado a todos por terem vindo a este evento. Primeiramente, bem, me sinto honrado por todos os colegas que compartilham comigo. Eu os conheço há muitos anos. Somos experientes nisso e é sempre um prazer dividir um painel com eles.

Quanto a nós, começaremos do ponto de vista das línguas. Sempre há uma discussão sobre qual idioma é o mais falado e se o inglês é a língua universal ou não. Representa menos de 25% do conteúdo da Internet. O espanhol vem em terceiro, claro que tem o inglês, o mandarim — corrija-me , professor, o mandarim — e então chegamos. Então, espanhol e castelhano, porque geralmente associamos as duas línguas juntas, as duas línguas juntas. Língua, sem língua, certo professor? Também em uma correção, eu já aprendi que, é linguagem e não linguagem.

Isso significa que somos uma potência global, não apenas nos países de língua espanhola, mas também nos países que não a falam, onde o espanhol ou o castelhano são usados como língua secundária. O inglês é oficialmente reconhecido como língua principal em 58 países, e o espanhol é reconhecido como língua oficial em apenas cerca de 30 países, não como língua principal, mas como língua secundária. Isso significa que temos uma presença muito forte no mundo de língua espanhola, particularmente na América Latina.

Mas o que está acontecendo? Também somos um dos continentes ou latitudes onde temos a maior diversidade de línguas. E é aí que a questão do acesso às diferentes possibilidades técnicas representadas por essas linguagens começa a ter um papel muito sério. Entre as línguas dos nossos continentes, temos as línguas menos faladas do mundo. Existe uma língua, não me lembro de ninguém falando ela no Peru, certo professor? Essa linguagem é incrível. Não me lembro do nome , mas é a língua menos falada no mundo por uma única pessoa, comprovadamente.

Em 2005-2006, trabalhei para o governo canadense e participei de um portal na Argentina chamado Polmapu , que foi totalmente traduzido para o mapuche, e foi uma experiência muito agradável. Com pouco apoio e desapareceu rapidamente. E essas iniciativas têm sido espasmódicas ao longo de todos esses anos, com diversas formas de apoio fornecidas, e geralmente são projetos piloto, geralmente muito bem-sucedidos, experiências muito boas, mas reduzidas e contidas em um projeto específico.

Como podemos ver ao longo dos anos, esses projetos geralmente recebem financiamento , o projeto surge, o financiamento desaparece , o projeto não é apropriado e desaparece rapidamente. E nós também estamos imersos nessa realidade com o que é o acesso universal ou a universalização do acesso à questão da linguagem.

Quanto ao espanhol, lutamos há muito tempo pela questão do EÑE e conseguimos que ele fosse reconhecido. Uma das questões que temos que ter em mente, e nós da ISOB estamos muito atentos a isso, é algo que dissemos nos workshops, nós dissemos, eles disseram nos workshops, e é que aqui não vale a pena adicionar, de uma perspectiva de infraestrutura, adicionar infraestrutura que reconheça ou permita o reconhecimento de domínios em diferentes idiomas e e-mails em diferentes idiomas, mas sim que tem que ser a cadeia.

E isso é um problema muito grande, porque como falamos hoje nos workshops, se um servidor, se uma escalada em um caminho de e-mail não tiver esse reconhecimento, o e-mail morre. E isso é um problema sério, porque não se trata apenas de aumentar números, mas de aumentar a infraestrutura em toda a cadeia. Porque uma pessoa na cadeia que não tem esse reconhecimento arruína todo o esforço que conseguimos convencer, por assim dizer, fornecedores e outros a incorporar essas configurações em suas infraestruturas tecnológicas.

E isso é um grande problema, porque estamos diante de um desafio que não é simplesmente numérico, mas sim, temos que envolver toda a cadeia de valor nessa

transmissão e compartilhamento de informações, tanto no e-mail quanto na área de domínios e DNS.

Acredito que essas iniciativas são extremamente valiosas porque elas aumentam a conscientização sobre o problema. Essa palavra é muito usada. Estamos conscientizando sobre o problema. A questão não é ficar aqui, a questão não é ficar aqui, não ficar aqui do ponto de vista, obviamente, da AGESID, obviamente, do ponto de vista da SESIO, e de todas as organizações que conseguiram se envolver nisso. Porque esse é um freio importante e, se um deles falhar, ele derruba toda a corrente. É um problema técnico para o qual não temos solução.

Agora, que iniciativa podemos tomar? Hoje, nas oficinas, também falamos algo que quase passou despercebido, mas que é fundamental. Tecnologicamente, nos últimos cinco ou seis anos, toda a infraestrutura adquirida para data centers, servidores web e servidores de e-mail foi capaz de reconhecer domínios — tanto em e-mail quanto em domínios e DNS — em qualquer idioma. O problema é a configuração.

E lá na configuração, e no Uruguai sofremos muito, já vimos até servidores onde o domínio não pode ser acessado se eu não colocar os três caracteres duplos na frente, por exemplo. E a questão da configuração. Dizer algo tão bobo é simplesmente um interruptor que eu ligo ou desligo. Isso também acontece da mesma forma.

Se a tecnologia está disponível, por que não impomos algum tipo de requisito, digamos, que quando um servidor é configurado ele tenha essa capacidade? Especialmente nós, que viemos de uma língua que não é a mais poderosa do mundo, nem a mais universal em termos de comunicação, relacionamentos ou inter-relações . Então temos que pensar sobre isso.

Ou seja, como o Fabricio disse hoje, isso deve ser resolvido do ponto de vista do design. E não estamos trabalhando nesse sentido. E acho que essa é uma frase que seria muito boa de abordar. A partir do trabalho de design, isso deve ser configurado assim. E aí, obviamente, aqueles que estão, por exemplo no caso de Daniel, têm papéis a desempenhar, de uma perspectiva política e regulatória, com essa obrigação.

Pelo menos em certas áreas onde a tecnologia está disponível, bem, ela só precisa ser configurada. Assim como falamos sobre política de segurança da informação e tantas outras coisas, e agora estamos lidando com toda a questão da proteção de

minorias e assim por diante, isso é algo que também contribui para a questão da cultura e da erradicação da cultura no caso de nossas latitudes.

Moderador (Raúl Echeberría): Muito obrigado , Mauro. Dizem que quem tem o microfone tem o poder. Então, como você tem o microfone e pode alterar a ordem, tornamos tudo mais divertido. Você também tem escrito muito sobre inteligência artificial em suas colunas ultimamente. Qual papel você vê para a inteligência artificial na melhoria da diversidade cultural ou linguística na Internet?

Mauro D. Ríos (ISOC UY): Acredito que o guia, principalmente agora que estamos na era dos agentes, pode contribuir para essa linha que venho propondo. Acredito que isso pode nos ajudar a automatizar coisas que atualmente exigem força de vontade. Se eu ajudar com isso a partir de uma perspectiva de inteligência artificial, fazendo isso automaticamente, isso pode me ajudar muito, digamos, a configurar uma infraestrutura tecnológica que já tenha essas previsões configuradas e resolvidas.

A outra coisa que podemos usar o guia é identificar ou mapear o cenário atual. Hoje nos workshops falamos muito sobre ferramentas que me permitem saber se meu servidor de e-mail está dentro, sobre universalidade ou um DNS e assim por diante. Mas todas elas são ferramentas manuais, todas elas são ferramentas que eu tenho que usar, todas elas são ferramentas que eu tenho que acessar.

Por que não usamos um agente de IA e fazemos um mapeamento, por exemplo, não apenas em nível de país, mas em nível regional? E obviamente existem instituições como o LACNIC, por exemplo, ou qualquer outro NIC. Bom, vamos fazer um mapeamento, vamos usar uma aranha de IA para fazer uma pesquisa para ver como realmente estamos indo, certo? E não precisamos fazer o esforço de descobri-los manualmente, como Maria, um por um, para ver se os domínios são capazes de reconhecer diferentes idiomas ou não e estão preparados para isso.

Bem, a IA pode nos ajudar com isso. E então, quando tivermos isso claro, isso também pode nos ajudar a automatizar esses processos de configuração e testes, e obviamente sempre aborda a questão da segurança cibernética, certo?

Moderador (Raúl Echeberría): Excelente, muito obrigado. E a outra pessoa que tem o microfone é a Mariela, então

Mariela de León (SeCIU - UDELAR): Bem, vimos visões complementares de diferentes perspectivas da comunidade. Você acha que é necessário mais trabalho

para promover conteúdo local? Você acha que o SeCIUS pode desempenhar um papel como parte do ecossistema nesse tipo de empreendedorismo ? Como você vê o impacto na Internet?

Sim, acho que, a partir do SeCIUS como administrador do ponto I, podemos chegar ao ponto de sugerir, quando alguém registra um domínio, diferentes outros domínios possíveis que incluam algo local. Por exemplo, se registrarmos sem acento, talvez eu possa sugerir que você registre com acento. Ou talvez se você colocar isso, eu possa deduzir que é um ñ, eu também posso sugerir essa possibilidade de caminhar para a aceitação de nomes locais. Essa poderia ser uma maneira simples e relativamente fácil de contribuir para isso.

Mas também temos que promover políticas dentro da universidade. Em vez disso, políticas ou diretrizes para apresentar o tópico como um tópico a ser trabalhado. É como poder dizer: bem, quando construímos sistemas ou quando propomos sites ou sites universitários, devemos mostrar a questão da acessibilidade. De aceitabilidade, perdão. A acessibilidade também. Mas também a da aceitabilidade.

É como um logotipo ou uma presença que temos no site que tem um determinado campo ou um determinado formulário em que isso é traduzido, para poder aceitar esses caracteres. Temos um equilíbrio e um problema que temos é essa aceitabilidade versus segurança também. Nós, cientistas da computação, começamos colocando todos esses caracteres nos campos, mas temos que controlar os caracteres que estão nos campos. A política de firewalls de aplicação . E começamos numa curva onde fizemos uma pequena curva.

Mas bem, por exemplo, o site de relações internacionais da universidade, os repositórios de teses ou os repositórios de eventos são o que estou chamando de sites mais próximos. E é aí que estamos, começando a trabalhar na questão internamente e apresentando-a dessa forma também no sistema de registro de domínio. Parece-me que podemos começar timidamente por aí.

Moderador (Raúl Echeberría): Muito bem. Estou tentado, me perdoe, mas tenho que fazer mais uma pergunta. Você gerencia o dot UI e alguns dos subdomínios, mas há uma parte importante que a Antel gerencia, que é o dot com , dot UI. Então a primeira pergunta, pergunta 2A, seria se há algum tipo de coordenação nesse sentido. Mas também houve no passado, bem, não sei se Daniel teve tempo de obter a chave do Wi -Fi da AGESIC, mas porque estamos pedindo muitas coisas a ele e ele acabou de chegar, mas há possibilidades de coordenação também sobre

como usar estes, Sesio ou Antel, o registro DNS, bem como alinhado com a implementação de políticas públicas.

Mariela de León (SeCIU - UDELAR): Vamos ver, não sei se entendi corretamente, mas vamos ver, a Antel também registra domínios com IDNs. Ou seja, todos os registradores credenciados no Uruguai têm a opção de se registrar com IDNs. Existem apenas alguns, como eu disse, são 534. Registramos alguns deles ex officio para garantir a propriedade do domínio quando lançamos em 2016.

E, em geral, as políticas para, digamos, administração de domínio são propostas pela Universidade da República, mas todas as partes interessadas, todos os registradores, estão reunidos em torno de uma mesa. Existe a AGESIC, agora que é o agente de registro do governo. Existe a Antel, porque ela registra o ponto com. E temos os agentes registrados, que são empresas nas quais eles são autorizados. E tem a Universidade da República, que também é Sesio .

O que eu acho que o torna rico porque quando você define a administração ou as políticas de administração do ponto de UI, você está ouvindo vários atores. Talvez a sociedade civil estivesse ausente. Mas temos todos os interessados da Internet à mesa, e acho que é isso que, digamos, no mundo do CCTLD, nos serviu de exemplo na definição de nossas políticas.

Moderador (Raúl Echeberría): Excelente, muito obrigado. Você respondeu exatamente o que eu estava perguntando.

Laureana , nós estamos, bem, você já deixou algumas portas abertas para continuar conversando com você. Como é a confluência? Onde esse tópico de tradução e tecnologia converge? E qual é o caminho a seguir?

Também levantei um pouco a questão, como uma segunda parte da questão, é que estamos vendo serviços de tradução simultânea cada vez mais poderosos, que até mesmo mantêm as vozes das pessoas que falam. Isso contribui para a preservação das línguas originais ou, ao contrário, as torna invisíveis? Não sei. Vou deixar você aí.

Laureana Pavón (Universidade de Montevidéu): Bom, vamos ver, como tradutora que sempre defendi, eu e todos os meus colegas defendemos que as pessoas deveriam ser capazes de se expressar em sua língua nativa, em sua língua materna, que é a melhor maneira de construir seu conhecimento.

Agora, com o surgimento das tecnologias de tradução automática, elas são totalmente bem-vindas. Eles estão ajudando a massificar o conhecimento e torná-lo disponível para pessoas que, de outra forma, nunca teriam a oportunidade de acessar o conhecimento que possuem atualmente.

Mas isso vem do fato de eu mesmo ser professor. Eu também gostaria de dizer que não basta apenas fornecer, disponibilizar as ferramentas, mas sim ressaltar a importância da alfabetização. Porque a tecnologia sem alfabetização em seu uso ou nos riscos que ela pode acarretar pode ser séria.

Então, parece-me que o caminho a seguir é, sem dúvida, esta é uma tecnologia muito bem-vinda na tradução, mas deve ser acompanhada de alguma literacia na sua utilização para contrariar riscos como vieses que podem estar na formação de modelos de inteligência artificial ou de tradução automática ou defeitos técnicos que possam aparecer e que, não sei, a inteligência artificial, por exemplo, pode ter alucinações ao traduzir e produzir resultados que são extremamente, um, as leis são extremamente más, coerentes mas falaciosas e que podem levar a riscos sérios em casos como o que vou dizer, como emergências, informação que existe, digamos, que o utilizador não sabe que pode não estar correta seria uma coisa séria, mas penso que o futuro vai ser a tradução automática ou a inteligência artificial de mãos dadas com a literacia e o apoio de seres humanos .

Moderador (Raúl Echeberría): Adorei sua visão positiva sobre a evolução tecnológica. Gostaria que outros setores tivessem a mesma visão em relação à disrupção tecnológica. Fabricio, você nos falou sobre o caso específico do OpenStreetMap , mas também sobre o impacto potencial da representação cultural diversa em emergências climáticas, o que também poderia ser aplicado a outros tipos de emergências. Você trabalhou muito, como eu disse na apresentação, na sociedade civil em diferentes funções. Qual você acha que pode ser o papel da sociedade civil na promoção de maior representação das culturas locais em uma internet global?

Fabricio Scrollini (HOTOSM): Sim, eu acredito que a sociedade civil, independentemente, é chamada de sociedade civil, bem, o que é sociedade civil, certo? Quer dizer, há essa dúvida constante, tipo, como a sociedade civil se veste, como ela come, o que ela come? Bom, a comunidade técnica, um mais ou menos diz quem é, os governos mais ou menos têm uma representação e variedade. O que é sociedade civil? E, em geral, a sociedade civil são aquelas pessoas que disseram, no caso da Internet, quando a Internet surgiu, bem, eu tenho interesse e estou fazendo isso porque posso.

Quero dizer, quando, por exemplo, a pessoa que fundou o OpenStreetMap foi pedir ao governo britânico que lhe desse o mapa do seu bairro, basicamente, e o governo britânico disse não, porque esta é nossa propriedade. Ótimo, você não vai me dar isso. Você sabia? Eu mapeio isso. E além de mapeá-lo, vou ter mais 100 me apoiando e fazendo a mesma coisa por toda a Inglaterra. E não contentes com isso, vamos ter que recorrer à internet. Há mais 500 atrás de mim que farão o mesmo ao redor do mundo. E agora são 600.000. Por que eu posso? Porque é a coisa certa a fazer.

Porque a sociedade civil geralmente se encontra em um lugar que é, em certo sentido, normativo. A Wikipédia existe, por quê? Porque o conhecimento deve ser livre e acessível a todos. É simples, é a coisa certa a fazer, digamos assim, certo? A questão é que, claro, a sociedade civil não se trata apenas de causas tão nobres, puras e imaculadas ; há algo para todos. Mas, em geral, o que estou dizendo aqui é que a sociedade civil é a caixa de ressonância para o que, de alguma forma, a sociedade está exigindo, para aqueles bens comuns que muitas vezes passam despercebidos pelo sistema.

Porque nesse modelo multissetorial , funciona desde que cada um defenda seus próprios interesses, mas a questão é, bem, quem pensa um pouco mais nas necessidades coletivas? E aí, a sociedade civil muitas vezes tem um papel a desempenhar, certo? E muitas vezes vemos, e eu acho que é como parte, um pouco do que fazemos, por exemplo, quando a nossa tecnologia, hoje o caso mais concreto de atribuição de tarefas gestor , é reconhecido como um bem público digital global, dentro da agenda que lidera as Nações Unidas para isso. Por que fazemos isso? Por que somos bons? Bem, somos pagos para isso, conseguimos doadores, fazemos um esforço, passamos o chapéu, por assim dizer, em vários lugares, mas construímos isso porque não há outra tecnologia que permita que as pessoas mapeiem livremente, não há, o que há são basicamente monopólios privados concentrados que impedem as pessoas de acessar informações geográficas, é isso que há. Esse é o outro lado da moeda.

Nossa visão é basicamente também permitir uma solução de bem público porque , além disso, eles não são bons porque somos contra monopólios privados, não necessariamente porque acreditamos que todos têm que ter acesso. Quando a Wikipédia surge , você é contra a Enciclopédia Britânica. Você acha que é uma coisa horrível que exista a Enciclopédia Britânica? Não, mas bem, acreditamos que basicamente o conhecimento livre e aberto tem outras vantagens que talvez a Enciclopédia Britânica não tivesse, entre as quais a Enciclopédia Britânica continua a ter, ou a que estava lá até agora, em seu último estágio, não sei, era uma edição

muito boa, digamos, que também existia, não é que a sabedoria das massas varie com tudo, quero dizer, há um equilíbrio em tudo isso.

Então, acho que é aí que está o eixo da sociedade civil em geral em todos esses debates. No caso específico da Internet, consiste também em tornar visível quem não é visível. Quer dizer, hoje em dia, na Internet, digamos, e particularmente em certas áreas, há muito poucos atores. E isso tem a ver com a evolução da tecnologia, a evolução do capital e a evolução dos usuários que exigem cada vez mais coisas. Tudo tem que ser agora e tudo tem que ser compatível com o iPhone. Nessa corrida que existe hoje na Internet, muitas pessoas ficam para trás, e essas vozes geralmente não são ouvidas. Acredito que a sociedade civil tem um papel a desempenhar.

E, naturalmente, o que meus colegas também estavam dizendo, Mauro estava dizendo, eu acho que há também um tópico sobre você basicamente, no sentido de que cada pessoa é, no fundo, um cidadão. Você não acorda de manhã e diz: "Sou um ser asséptico" ou "Visto a camisa do governo ou do setor privado e digo: 'Não, estou aqui pela minha empresa'". Não importa onde eu moro, não importa como as coisas funcionam. Não me importa como as coisas funcionam. Não me importa como o ônibus funciona, não me importa se vejo alguém caído na rua, não me importa. Não acho, em geral, que vocês não se importem, a menos que sejam seres muito especiais. Acho que você se importa.

Vocês são pequenas correntes, pequenos elos de uma grande corrente para fazer isso funcionar. E você tem poder. Eles podem configurar esses servidores, podem habilitar tecnologias de código aberto e podem garantir que certas decisões tecnológicas sejam inclusivas ou não. A questão é: não é? A questão é: não é? A questão é: qual papel você vai assumir? Porque vocês também são, de certa forma, sociedade civil.

Moderador (Raúl Echeberría): Muito obrigado, Fabricio , você mencionou a inclusão muitas vezes, o que me leva à última intervenção do painel, Daniel Mordecki . Daniel, você fez algumas declarações O que é claro que eles são, eu realmente os saúdo e eles são fortes, não são? Inclusão sem concessões, 100% de inclusão. Barreiras mínimas são realmente postulados que geram muito entusiasmo. Então, como você acha que a AGESIC está se saindo, como você a vê sendo um pouco mais realista, quais seriam os planos da AGESIC para atingir essas metas que você mencionou?

Daniel Mordecki (AGESIC): Bem, estávamos fora do assunto. Bom, você conseguiu. Não, estou encantado. Só para esclarecer, posso dar um aviso aos nerds? Não sei qual é a solução, não conheço o lado técnico. Por favor, não deixe que seja como a codificação , que não é reversível. Eu lhe digo, codificação é veneno. Por favor, não deixe que seja como a codificação . Ok, fechei meu pedido nerd.

Vamos ver, nós estabelecemos alguns pilares que têm a ver com Obviamente, isso é um objetivo. Estamos planejando construir uma estratégia digital para os próximos 20 anos. Como é construído? Ninguém tem a menor ideia. Não é que quando alguém diz isso, a primeira coisa que vem à cabeça é dizer que essas pessoas são pedantes. Quero dizer, este é um mundo que está mudando digitalmente muito rápido.

Ou seja, uma das características da história é que, se voltarmos à Idade Média, a probabilidade de que as crianças usassem as mesmas ferramentas nas mesmas condições econômicas e sociais que seus pais era praticamente 1. Hoje, a probabilidade de seus filhos usarem as mesmas ferramentas que você é quase zero. Outro dia dei uma palestra em uma escola, as crianças não sabem usar calculadora. Eles não sabem o que é. Eu acho isso fantástico, né? O que me choca é: quantos anos você tem, certo? Mas se você olhar em termos históricos, sim, é uma característica.

Então, o que você precisa fazer para elaborar uma estratégia de 20 anos é determinar o que você pode dizer que é invariável. Quer dizer, que coisas, você pode ter certeza que elas vão ficar lá. E um deles é esse problema da inclusão. Porque é um problema que, se você olhar para trás, a discussão sobre introdução tecnológica é uma discussão sobre inclusão. Enquanto a tecnologia que está sendo introduzida envolver isso, e você puder observar a leitura, a escrita, a história e o progresso, por exemplo, o acesso à tecnologia digital será garantido, o que significa que em 20 anos a probabilidade de ela ainda ser um problema será quase desastrosa. É fato, é muito alto.

Então, nessa linha, o que deve ser previsto? Bem, a primeira é usar o impacto nas pessoas como seu tomador de decisões para alocação de recursos. Quer dizer, todo mundo que enfrenta, digamos, a decisão de administrar, alguém já disse que você começa a administrar no dia em que diz não. Quer dizer, se você sair na rua, um bom gerente é alguém que toma boas decisões sobre o que fazer. Na verdade . Para mim não é uma boa definição. É alguém que diz não. Ou seja, recursos,

independentemente de quem você seja, são sempre mais escassos que oportunidades e problemas.

E uma das medidas é usar o impacto sobre as pessoas para alocar recursos. Neste mundo onde agências multilaterais de crédito, sociedade civil organizada, câmaras de comércio, etc. Todos exigem que você assuma e participe. Para um indivíduo privado é muito fácil sair. Para ter audiência, você tem que estar em todos os fóruns, em todos os padrões, em todos eles. Você não estará em todos eles. Você não estará em todos eles. Você tem que decidir quais você definitivamente não vai estar lá, quais você vai fingir que está lá mas não está, e quais você realmente vai colocar peso.

E o fator decisivo desse equilíbrio é o impacto. O impacto que você tem nas pessoas, fundamentalmente para incluí-las. Então, paralelamente a isso, o impacto social, econômico, de qualidade de vida e de segurança do Uruguai no mundo. Aí você tem um dos pilares invariantes.

Outra tem a ver com o Estado e sua capacidade de aceitar que agora é digital e que a informação digital flui. Nos bastidores e os cidadãos não precisam carregá-lo no bolso. Deixe-me explicar melhor. Sessenta anos atrás, quando um órgão público queria informar a outro órgão público que você atendia a um determinado requisito — por exemplo, que você era uma pequena empresa — eles imprimiam um pedaço de papel chamado certificado. E eles te dão um certificado para pequenas empresas no balcão ao lado, às vezes é dentro da própria agência, certo? Mas você sai e vai até o balcão ao seu lado, então você é o cadete e pega o papel e leva para o outro.

A digitalização desses 20 anos no Uruguai e no mundo substituiu o papel por um QR code. E agora você pode fazer isso de um escritório para outro, de uma janela do navegador para outra. Uma coisa que eles ainda não entendem é que você não pode ler seus próprios códigos QR no seu celular. Você tem que ser um guru. Você tem que ser um guru para fazer isso. Mas isso é um detalhe de usabilidade. Lembre-se, eu venho do mundo da experiência do usuário, e essas coisas realmente me deixam com os olhos marejados.

Mas deixando esse detalhe de lado, precisamos primeiro de um processo de interoperabilidade. Ou seja, conceber aplicações estatais como aplicações interoperáveis. Onde a interface humana é apenas mais uma aplicação. Que usa Que usa recursos sem quaisquer privilégios codificados . Ou seja, não há if , user,

equal, equal, Daniel, give permission, equal, true. Não é isso. Ou seja, aí você tem uma linha geral de trabalho dizendo o que nós temos que fazer no Estado.

Bem, se você conhece o Estado, se trabalha nele ou se interage com ele, entenderá o que significa convencer Mariela, a gerente de sistemas da UTE, e o gerente de sistemas da LATU a pensar em seus sistemas primeiro como plataformas de interoperabilidade e depois como sistemas para a universidade, para a UTE e para a LATU. É um problema, ou seja, é um equilíbrio entre benefício coletivo e benefício individual. Isso vai levar 20 anos.

E a terceira coisa ou a terceira linha que foi Com Raúl falamos Raúl, agora somos nós os encarregados de dividir o palco. Quer dizer, em todos os lugares para onde sou convidado, ele está fazendo alguma coisa. Mas o que estávamos falando outro dia é sobre construir liderança para um mundo digital. Precisamos de líderes. Quando digo líderes, quero dizer líderes no sentido mais amplo. Presidentes, deputados, senadores, ministros, diretores de empresas públicas, gestores de empresas privadas, gestores de marketing.

Quer dizer, estou farto. Estou farto de ouvir gerentes de marketing repetirem que a Internet é um folheto digital. Isso não é no Estado, né? Isso mesmo, você vai até empresas de alto desempenho, eles dizem, a internet é como um folheto digital. Não, meu amigo. Internet, o mundo é digital. No seu banco é a internet. Seu banco está na internet. O relacionamento dos seus clientes e cidadãos com o seu banco se dá praticamente e exclusivamente pela Internet.

Um folheto digital, em papel, em pedra ou o que você quiser, é algo que conta algo que aconteceu em outro lugar. Tenho um folheto de um sanatório. Então, há o sanatório onde o atendimento de saúde acontece, e o folheto que conta a história e faz reportagens sobre ela. Sim? E então você vai, mas eventos, 20, 24, 20, 25. A Internet é o folheto digital. Não, meu amigo, essa publicidade, essa maneira de contar as coisas acabou. O mundo é digital.

Precisamos de líderes que entendam que essa discussão, talvez um pouco técnica, talvez de certa forma, não seja a discussão central , mas a discussão digital, essa discussão, as regulatórias, as de cobertura, as de acesso, as de mercado, são as decisões que moldarão nossa sociedade nos próximos anos. Eles não podem aparecer mais na tecnologia. Elas têm que aparecer na primeira página do jornal. Senhores jornalistas, entendam.

Olha, vou te dar um exemplo. Houve uma enxurrada de ataques cibernéticos. E eu disse isso em dois ou três meios de comunicação e os jornalistas disseram: uau! O que faz um jornalista? Um jornalista com um ataque cibernético. Aí vem um cibercriminoso que não é um hacker, ele não tem nenhuma aura de fantasia. Ele é um criminoso que rouba coisas. Eles roubam bens intangíveis, mas roubam, e custa muito dinheiro, entre US$ 70.000 e US$ 150.000 para uma resposta a incidentes, só para começar a falar, sem mencionar os bens que foram perdidos.

Um criminoso publica informações em um site. Um criminoso publica informações em um site. E um jornalista pega a notícia e em 30 segundos a coloca na primeira página do seu jornal. Onde moramos? E as três fontes? E a verificação das informações? E o falso notícias ? Os criminosos só publicam verdades? Os criminosos não têm seus próprios interesses? Os criminosos têm um interesse que coincide com o bem público?

Então, em que campo da imprensa e do jornalismo a informação é construída a partir de uma única fonte, sem validação, sem analisar se também são criminosos? Em nenhuma. Então, precisamos de líderes para um mundo digital. Faça-os entender que quando um criminoso publica uma informação, ela provavelmente é um terço verdadeira, um terço meia verdade e um terço falsa. E o que ele quer é que seu jornalista reproduza isso sem análise. Então você é parte do problema e não da solução.

Então os jornalistas dizem, bom, mas o Estado não esclarece. E você olha para eles e diz: desde quando jornalistas reproduzem o que o Estado diz? Ou esperam que o Estado lhes diga o que é verdade e o que é falso antes de publicar? Precisamos de liderança digital. Dou-vos estes exemplos do sector privado. Precisamos deles no setor público. Mas, na realidade, pensa-se, digamos, que há uma espécie de ideia circulando de que o setor privado é avançado e o setor público é atrasado. E essa ideia é essencialmente falsa.

Se vocês se alinharem, essas talvez sejam as linhas centrais. Obviamente, alguns outros teriam que ser adicionados. Esta é uma revisão rápida. Então eles começam a entender como moldar um Uruguai que atingiu um nível exemplar de digitalização e agora tem a oportunidade de aproveitá-lo.

Moderador (Raúl Echeberría): Muito obrigado, Daniel. A verdade é que há muito o que pensar. A primeira reação que vem à mente é desejar-lhe muito sucesso nessa empreitada. Mas honestamente. Boa sorte com as pilhas. Sinceramente. Não, não, não. Acho que é por isso que estamos todos aqui, para contribuir.

Eu estava pensando sobre essa coisa do QR alguns dias atrás. Eu tive esse problema. Tive que ler meu próprio código QR e pedi ao celular da minha esposa para fazer a leitura. Não? Mas acho que é um final perfeito. Porque tudo o que você falou sobre inclusão e voltando àquelas expressões de inclusão sem concessões e barreiras mínimas. Como podemos ter inclusão sem concessões e barreiras mínimas se as camadas inferiores da Internet não fornecem os recursos para facilitar esses níveis de inclusão?

E acho que isso resume todos os aspectos mais práticos e técnicos que vimos nessa discussão de alto nível. Onde tivemos perspectivas diferentes que são absolutamente complementares e enriquecedoras. Acho que há tempo para uma ou duas perguntas, com base no que o chefe está me mostrando aqui. Então, se alguém quiser fazer algum comentário ou pergunta. Um ou dois. E então vamos fechar para que você possa chegar em casa mais cedo.

Público Membro (Oscar Yudice - ISOC Uruguai): Olá, boa tarde a todos. Eu sou Oscar Yudice . Eu também pertenço ao capítulo Uruguai da ISOC. Eu queria perguntar. No caso dos tacos. Não estamos levantando uma questão de soberania? No caso de Tacos, de taquerias. Claro. Agora Sim . Agora Sim .

Fabricio Scrollini (HOTOSM): Sim, não. Vamos ver, sim. Na verdade é interessante . Dei a ele um exemplo das dificuldades que muitas vezes surgem na criação de rótulos que o OpenStreetMap usa para atribuir características aos lugares. Que são basicamente criados por cavalheiros em Hamburgo tomando um café quando apropriado. Uma boa cafeteria vienense ou algo assim. Mas no geral a comunidade é muito maior agora. Mas muitas dessas discussões ainda existem.

Muitos dos lugares que existem hoje no OpenStreetMap não são de alguma forma visíveis da maneira que as populações desses lugares exigem que eles sejam visíveis. É uma longa discussão sobre o OpenStreetMap . Você pode ir até as listas do OpenStreetMap , onde há inúmeros tópicos , tópicos onde as pessoas discutem sobre isso.

Não creio que haja uma solução imediata. Mas acredito que a única solução imediata é a diversidade de comunidades de prática em torno disso. E o que o colega estava dizendo aqui, liderança. Em outras palavras, este mundo requer cada vez mais líderes que não venham apenas do norte global. Mas não porque eu tenha algo contra meus colegas nos Estados Unidos. Da Europa. Nada contra eles. Pelo contrário. Trabalho com eles o dia todo. Eles são pessoas lindas. O problema é que, bem, eles vivem em uma realidade muito diferente da nossa.

Então a história é como podemos trazer muito mais liderança para o tribunal. Para tornar a Internet mais diversificada. Ou tornar empresas ou organizações mais diversificadas. Em geral, o OpenStreetMap tenta ficar o mais longe possível de questões de soberania. Porque é um banco de dados de mapas do mundo. Mas não uma base autoritativa. O OpenStreetMap tenta não interferir nesses lugares. Justamente pela natureza contributiva do mapa. A natureza também pode ser modificada de alguma forma pela comunidade. Isso não o torna necessariamente confiável para esse tipo de tarefa.

Sim, tem sido mais utilizado. Ainda é usado. E é interessante. Em mais tarefas de censo. Em tarefas potencialmente até mesmo de registro de terras em alguns países. Onde muitas vezes nem há investimento suficiente. Dados insuficientes. E então os governos às vezes adotam o OpenStreetMap como base. VERDADEIRO? Que isso é algo que alguém diria, não, é loucura. Bom, é uma loucura. Ou não. Se você estiver em Belize e não tiver orçamento. Pare de ser louco. Começa a ser o que se tem disponível. VERDADEIRO?

Moderador (Raúl Echeberría): Muito bem. Obrigado. Maurício.

Público Membro (Nicolás): Tenho uma pergunta sobre a barra de comentários. Digamos que lá. Primeiro o comentário. E um pouco na mesma linha do que Daniel acabou de dizer. Parece-me que isto é sobre geração. Eu estava pensando na geração de líderes. E uma das coisas que pelo menos eu vejo pessoalmente. Trata-se daqueles que lideram os processos. Da geração de aplicativos, por exemplo. Não? Processo de geração de aplicativos. Os analistas. Aqueles que programam. Mas mais do que isso. Aqueles que lideram os projetos. Ou aqueles que lideram organizações. Que desenvolvem aplicações. Não? Em qualquer nível. Seja público ou privado.

É um processo monstruoso. O de desenvolver uma aplicação. Parece que não. Mas é um processo monstruoso. Envolve muitas considerações. Não? E em um certo momento. Há decisões que parecem mínimas. Então são coisas pequenas. Então eu me pergunto se em algum momento... Por exemplo. Quando o design estiver pronto. Dizem que sim. Bem. Esse. Este formulário deve suportar um til . Não? Isso parece algo pequeno. Por causa de todas as coisas monstruosas que você tem que fazer. Talvez seja melhor dar uma olhada nisso. Bem. Esse.

E no final. Na minha experiência também. Muitas vezes. Fica a seu critério. Daquele que executa aquela parte da programação. Digamos. Se eu usar apenas uma estante. Que suporta acentos. Fantástico. E se não. Bem. E então. Bem. Tudo o que

vem a seguir. Todos os sistemas de teste . Pré-produção. Etc. Etc. Se eles testam ou não. Quero dizer. Eu meio que tenho essa sensação. Que ainda existe. Muito a fazer. Para colocar nos processos. Essa ideia. Digamos. Não?

E então. A questão é. Por exemplo. No nível de. De. Das demandas. Interno. De organizações. Do Estado. Por exemplo. Ou organizações privadas. Em seus processos internos. Se você não puder. Fazer. Um emprego. De. De. De. Como um derramamento. Sobre tudo isso. E para conscientizar. E bem. Tem que fazer parte do processo. Se não estiver escrito. Se não fizer parte do processo. Dificilmente. Depois. É possível. Pode ser executado. De certa forma. Quem quer beber?

Daniel Mordecki (AGESIC): Ótimo. Bem. Esse. Olá. Às vezes ele anda. Ah, não. Tudo bem. Tudo bem. Não vou reclamar. Sim. Sempre. Mas há um problema. E é isso. Eles ligam. Quero dizer. Usabilidade. É isso. Quero dizer. Verde. Vermelho. Semáforo. Não? Verde. Vermelho. Então. Eu ligo. E os alemães não inventaram o semáforo, isso é certo. Veja, eles inventaram os carros, provavelmente o contrário. Pensei que fossem os franceses, mas tudo bem.

Na realidade, há duas partes: a de alto nível e a técnica. A parte técnica. Eu respondi isso na minha outra pergunta. O Uruguai como país praticamente não possui processos de design maduros, exceto em algumas multinacionais que já estão estabelecidas. Ou seja, os sistemas são projetados em todo o mundo antes que a primeira linha de código seja escrita, enquanto no Uruguai eles são projetados por programadores. Depois de 20 anos trabalhando com design, você trabalha, às vezes até leva um empurrãozinho, e fica com o problema: agora vamos fazer o que queremos e eles fazem.

Então você tem um problema na indústria em que os piores da escola são os cientistas da computação que acreditam que design é uma questão de boa vontade e bom gosto. Não só não é, mas também vou lhe dizer que os cientistas da computação não têm muita boa vontade para fazer o que não querem fazer, muito menos bom gosto. Mas , além disso, mesmo que tivessem, não seria o suficiente. Essa é uma discussão que adoro ter. Falamos no nível de liderança.

O que você precisa entender é que se seus formulários não funcionam, a responsabilidade é sua. É sua responsabilidade, e você tem que burlar a política. Em outras palavras, a liderança para um mundo digital não é formada por líderes que sabem programar, nem por líderes que entendem a diferença entre Java e JavaScript, ou a diferença entre TCP simples e TCP IP. EU que Eu não a conheço .

Então, o que você precisa é de líderes que entendam essa unidade, digamos, que a execução de políticas é essencial, e que seu meio de executá-las é a tecnologia, e que você tem que direcioná-la na direção que ela precisa ir. Você tem que buscar conselhos, fazer perguntas e entender . Mas você não pode dizer: "Ah, não entendo nada sobre isso, confio em você". Eles estiveram em reuniões um milhão de vezes. Ah, eu não entendo nada sobre isso. Você tomará as melhores decisões.

Você não vai tomar as melhores decisões. Vou tomar as melhores decisões aqui. Porque essa organização, seja ela pública ou privada, me nomeou para fazê-los. E no dia em que eu não conseguir fazê-las, contarei ao meu chefe ou ao Parlamento, pedirei demissão e deixarei que outra pessoa tome as decisões. Esse é o problema. Quer dizer, quando os formulários não aceitam acentos, o problema é meu. No dia em que entendermos isso, teremos líderes.

Obviamente, a solução não é eu fazer os formulários. A solução é eu entender, me envolver e aprender como os formulários são feitos, fazer perguntas, me informar, ter as explicações para mim, exigir que me expliquem no meu nível e tomar as decisões. Bom, isso acontece muito, temos que mudar isso, temos que refazer aquela outra coisa, esse servidor, essa coisa. Ok, fazemos ou não fazemos, vamos fazer, priorizar e fazer. Naquele dia teremos liderança para um mundo digital.

Moderador (Raúl Echeberría): Muito obrigado, Daniel. Mauro, você quer acrescentar alguma coisa? Um sinal de que temos que terminar. É mais programado. Não é tão difícil.

Mauro D. Ríos (ISOC UY): Você disse algo muito interessante e concordo com o que Daniel disse, que está absolutamente correto. O design é anterior ao toque em uma tecla de codificação. Vou fazer a mesma coisa que Daniel fez. Vou falar sobre minha outra vida. Até 2023, fui Diretor de Tecnologia de toda a ANEP. Estamos, por exemplo, em uma das maiores plataformas. E aqui está Mariela, e fizemos muito trabalho juntas. Uma plataforma maior, que é o que chamamos de portfólio de ensino, que é como o EGURY para o ensino médio.

Depois de entender por que, durante a pandemia e trabalhando remotamente, ele estava caindo aos pedaços, e depois que 26 dos meus programadores revisaram o código, que é monstruosamente grande e complexo, eles descobriram o código no qual o programador havia incluído uma reinicialização automática dos servidores porque eles sabiam que ele estava caindo aos pedaços, apenas para limpá-lo e reiniciá-lo. O custo disso é brutal. O custo disso foi brutal, e não foi por causa de um problema de design. Um problema de design.

E falando em liderança e no que o Daniel falou, e eu reafirmo o que ele falou sobre controle de liderança, eu vou contar uma anedota que eu vivi com a Mariela, que é uma falha da universidade. Dez anos atrás, a ANEP e a universidade tentaram se comunicar eletronicamente. Três grupos de trabalho falharam. Eles estavam trabalhando simultaneamente. Um dia, tanto as autoridades de uma universidade quanto as da ANEP disseram não mais nada. E nós dois passamos a bola um para o outro. O que Mariela tirou de nós? Três meses para resolver o problema.

Você sabe o que fizemos com Mariela? Resolvemos algo que é histórico no Uruguai. Que as crianças têm que ir para uma escola secundária para obter esse maldito Formulário 69. Agora, a ANEP notifica automaticamente a universidade sobre a formatura, orientação, os cursos que fizeram, quantos cursos devem, quanto nos devem. Levamos três meses para resolvê-lo. Houve uma falha total de liderança em três grupos por mais de 10, 15 anos. Esse é o problema que estamos tendo e que Daniel está levantando de certa forma. Precisamos construir uma liderança que entenda que o Uruguai é digital. Deixe-os entender que o Uruguai é digital.

Moderador (Raúl Echeberría): Muito obrigado. Mariela, Laureana , Fabricio, alguma conclusão final?

Mariela de León (SeCIU - UDELAR): Bem, da minha parte, só posso agradecer. A verdade é que este painel foi muito divertido, e é disso que se trata o capítulo da Internet Society : criar um espaço para discutir e trocar opiniões sobre vários temas, como já fizemos em outras áreas. Segurança, proteção infantil e outros tópicos. Então, muito obrigado aos painelistas. Peço uma salva de palmas .
